

Não vamos nos iludir

Economia Brasil

O nível de emprego está caindo mais devagar, alguns segmentos da indústria começam a aumentar a produção, as vendas crescem em alguns ramos industriais. Mas ainda é cedo para se falar em retomada da atividade econômica, que se vinha contraindo desde o inicio do ano passado, quando o País esteve à beira da hiperinflação, foi fortemente afetada pelo Plano Collor 1 e agora tenta adaptar-se ao Plano Collor 2.

O que está havendo é um fenômeno típico de março, quando, passado o carnaval, as vendas começam a crescer, estimuladas principalmente pela volta às aulas, que faz aumentar o consumo dos setores de vestuário, calçados e papelaria.

Trata-se de um movimento pequeno, quase milimétrico, mensurável em indicadores isolados, como a variação do nível de emprego industrial em São Paulo. Na última semana de janeiro, 7.978 trabalhadores foram demitidos pela indústria paulista, o que significou uma redução de 0,44% no nível de emprego. Na segunda semana de fevereiro, o número de demissões caiu para 6.514, com redução de 0,36% no nível de emprego.

Em alguns segmentos industriais, a expectativa é de razoável aumento de produção, como no caso da indústria de embalagens. Por causa do aumento do consumo, a produção de caixas de papelão para embalagem deve crescer das 56 mil toneladas registradas em dezembro para 70 mil toneladas neste mês. Alguns outros segmentos isolados, como o de produção de material de limpeza, também mostram sinais de aumento de produção, da mesma forma que, no universo empresarial do País, vão surgindo casos de retomada de investimentos e de lançamento de produtos no mercado.

Esses sinais, no entanto, são insuficientes para indicar alterações numa dura realidade: a atividade econômica encontra-se num nível muito baixo. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

(Ipea), órgão do Ministério da Economia, previu, em seu mais recente boletim mensal de conjuntura, que o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro deverá apresentar uma queda recorde de 6% no primeiro trimestre. No boletim anterior, a queda prevista era de 4,9%. Isso mostra que o Ipea vê uma situação, hoje, pior do que a que via há um mês.

O mau desempenho do PIB, conforme o Ipea, é determinado pelo comportamento da indústria, cuja produção caiu cerca de 9% no ano passado e, no primeiro trimestre deste ano, deverá cair 12%. No final de fevereiro, a diretoria da Confederação Nacional da Indústria (CNI) aprovou um documento pessimista sobre a conjuntura. Além da queda da produção, no nível igual ao previsto pelo Ipea, o documento da CNI junta outros dados negativos, como o grau de utilização da capacidade instalada, que está em 68%, o nível mais baixo desde 1986; a queda do salário real médio, que também está em seu nível mais baixo desde o Plano Cruzado; e a necessidade das empresas de rever seu processo de formação de preços, visto que elas foram obrigadas, pelo Plano Collor 2, a negociar intensamente com clientes e fornecedores, negociação da qual, teme a entidade, poderá resultar numa economia ainda mais indexada.

Essa situação, infelizmente, não poderá ser revertida inteiramente a curto prazo, porque não há recursos para investimentos: de acordo com o estudo do Ipea, a taxa de investimentos no Brasil baixou, em 1990, para 15,7% do PIB, menos do que se observava no início da década de 80, durante aquela que, até então, tinha sido a pior recessão da história. Por isso, não vamos nos iludir: os bons sinais registrados acima, se ajudam a tornar levemente cinzenta a situação em determinados segmentos da economia, ainda não bastam para mudar um quadro que se mantém predominantemente negro.